



HÁ LINGUAGEM NA AFASIA: AVALIAÇÃO NEUROLINGÜÍSTICA (THERE IS LANGUAGE IN APHASIA: NEUROLINGUISTIC ASSESSMENT)

Maria Irma Hadler COUDRY (Universidade Estadual de Campinas)

ABSTRACT: *This paper is to discuss some conditions in which the neurolinguistic assessment is realized in pathological context. It will be commented a datum of a brain damage subject in terms of the linguistic-cognitive work that he does or not to express the language in aphasia.*

KEYWORDS: *neurolinguistics; aphasia; discursive assessment; subjectivity; discourse.*

0. Introdução

Este texto discute a avaliação de linguagem incorporando, nessa instância discursiva, a compreensão de processos de significação decorrentes da afasia e atitudes metodológicas. Seu objetivo é colocar a avaliação de linguagem, em contextos patológicos, inserida no exercício de práticas significativas humanas e diretamente relacionada a situações de uso social da linguagem. Faz sentido, nessa perspectiva, avaliar como o sujeito expressa sentidos e interpreta o jogo verbal de que participa como sujeito falante de uma língua natural levando em conta que o sentido não é dado previamente mas se faz em meio a contingências enunciativas e ântropo-culturais. Adianta-se que são resultados parciais de pesquisa empreendida pelo Projeto Integrado *Contribuições da pesquisa neurolingüística para a avaliação do discurso verbal e não verbal* (CNPq: 521773/95-4).

1. Avaliação discursiva *versus* avaliação tradicional

Na avaliação aqui discutida tomam-se os processos patológicos, explicitados ou não, como o exercício de uma condição particular que se relaciona com processos normais de significação; e não como o que falta, a falha, o *déficit*. Avalia-se o sujeito, inserido em uma comunidade lingüística e cultural, em meio a práticas significativas *com* e *sobre* a linguagem e levando em conta as variedades vernaculares de que se utiliza nas diversas configurações textuais que produz e interpreta. Critica-se a avaliação de linguagem parcialmente realizada e exercida sobre o domínio da tradição escrita normativa, apartada, pois, do exercício intersubjetivo e social da linguagem, e padronizada para sujeitos ideais. É uma perspectiva neurolingüística de tradição lingüística - que fundamenta a avaliação como prática social e discursiva - que se apresenta neste texto.



Nessa visão, a avaliação relaciona-se com processos de descoberta e conhecimento das dificuldades que o sujeito apresenta, bem como aos processos alternativos de significação de que lança mão para com elas lidar (Coudry, 1988). A avaliação leva em conta, por constituir-se em meio às várias práticas discursivas em que o sujeito se engaja, ou pode se engajar, as tendências que a língua pode manifestar quando o sujeito *trabalha* com os processos patológicos, exibindo a ação criadora (cf. Franchi, 1977) afeita ao exercício da linguagem por sujeitos pragmáticos.

Que *face* da língua considerar em uma avaliação discursiva da afasia? O artigo de Ribeiro (no prelo) sobre *As faces do português culto brasileiro* ajuda nessa tomada de posição. A autora discute a relação do português popular brasileiro com o português culto brasileiro, mostrando que há regras vernáculas e regras cultas e que as segundas são aprendidas historicamente com a escolarização. Que chances nossos sujeitos afásicos, falantes de variedades vernaculares, têm se forem avaliados a partir de testes pautados em uma variante padrão veiculada pela escola? Isso, conforme ensina a autora, considerando os anos de escolaridade da população brasileira, ou seja, 42% têm até três anos, 31% têm até sete anos e somente 5,8% têm 15 anos ou mais. Fenômenos do português popular têm de ser conhecidos por quem avalia e trata de sujeitos afásicos para não serem confundidos com *déficit*. No dado de JF, que se comenta abaixo, há a ocorrência de *você* (não patológico) típico e legítimo de certos usos de variedades vernaculares que dão qualidade à dinâmica da interlocução e de *você/algo/ele* que se originam da cisão de sujeitos causada pela afasia.

A avaliação tradicional assenta-se em uma perspectiva absolutamente contrária à discursiva: é descontextualizada, essencialmente metalingüística e baseada em uma concepção normativa de língua. Para ilustrar: há uma prova no subtteste do Exame do Estado Mental (Folstein *et al.*, 1974), teste utilizado, internacionalmente, para triagem de sujeitos com 'suspeita' de demência e aplicado também para afasia, para avaliar se o sujeito compreende ordens por escrito em que o investigador escreve *feche os olhos* e pede ao sujeito que faça o que está escrito. Uma senhora de 74 anos (tendo cursado o segundo grau há 60 anos) que está sendo avaliada lê. E erra porque não era isso que tinha que ser feito. Deveria *fechar os olhos* e não *ler*. Deveria *cumprir a ordem* e não *ler*. No entanto, essa senhora passou a vida se relacionando diferentemente com o material escrito, ou seja, lendo e interpretando o que está escrito, e não fazendo. Fico imaginando o que aconteceria a esse examinador se assim procedesse na vida. Essa é que é a questão. Quando viajasse, por exemplo, deveria parar a cada placa onde estivesse escrito *Pare no acostamento* e ficar por lá para todo o sempre... Aprendemos com a vida e a cultura que o que está escrito é para ser lido e interpretado de acordo com os parâmetros culturais em que nos inserimos e que nos definem como sujeitos pragmáticos, ou seja, enunciativos. Falamos (ou escrevemos) para o outro e essa é a realidade humana, ensina Benveniste (1966: 60) ou seja, a condição enunciativa nos define como sujeitos da linguagem.



A afasia é um fato de discurso, afeita a sujeitos que partilham língua e cultura. A avaliação discursiva¹ se estabelece como um lugar de interação de uma pessoa afásica com uma não afásica, um lugar de relação entre pessoas que compartilham língua e cultura, entremeadado de diferentes atitudes frente a esses construtos humanos. É um lugar social, um lugar de exercício vivo de linguagem e de cidadania. É também um lugar de reflexão [de inquietude, cf. Foucault (1971:17), a respeito da realidade material do discurso de coisa dita/pronunciada e escrita] e de comentário (terapêutico, caso se queira) no sentido de expor o sujeito a diferentes fatos de linguagem e de cultura, que os fazem exercer diferentes papéis enunciativos, ocupar posições para dizerem coisas ou deixarem de dizê-las, para interpretarem (compreenderem) e serem interpretados (compreendidos).

2. Há linguagem e sujeito(s) na afasia

Será apresentada a descrição parcial de um caso (JF²) que me ajuda a formular melhor certas hipóteses acerca da afasia e sua intimidade com a linguagem. Relato um dado de avaliação de linguagem que retoma as primeiras reflexões (do início dos anos 80) acerca de como a afasia repercute no eixo da subjetividade da linguagem: com a afasia passa a haver dois sujeitos (S1 - antes de ser afásico - e S2 - depois de afásico) que passam a conviver. Em lesões centro-hemisféricas e posteriores do cérebro essa convivência é percebida como um estranhamento que se explicita verbal e não verbalmente, considerando o papel que as áreas posteriores do cérebro (o lobo parietal, no caso em estudo) desempenham na percepção, imagem/representação do corpo e gestualidade – mediadas pela linguagem – o que dispõe a avaliação e a atitude terapêutica frente à questão de que há linguagem e sujeito(s) na afasia.

O dado de JF, abaixo, mostra os dois sujeitos em ação: S1 passando a conviver abruptamente com uma condição que não conhece e S2 expressando esse estranhamento pela linguagem, assim como pela repercussão da hemiparesia na imagem e percepção do próprio corpo. O fato de JF referir a si mesmo por meio de “ele” (em vez de eu), no jogo da interlocução, quando toma a palavra, expressa esse estranhamento³ e desconforto;

¹ As pesquisas neurolinguísticas que desenvolvemos na UNICAMP caracterizam-se por sua natureza discursiva e se fazem a partir de formulações e práticas relativas à relação língua e cultura, ou em outros termos, língua e exterior discursivo, o que nos fez desde os primeiros textos (Coudry e Possenti, 1983 e Coudry, 1988) considerar a afasia como um fato da ordem do discurso. E considera-se a língua relacionada à cultura, conforme a formulação de Possenti (1995:22): *as formas linguísticas não subsistem separadas dos fatores culturais, ideológicos, históricos.*

² JF: 36 anos, destro, vendedor, segundo grau completo. Em 27/04/99, a Tomografia Computadorizada de Crânio (T. C. Crânio) revelou acidente vascular hemorrágico (AVCh) centro-hemisférico direito com inundação ventricular e desvio contralateral da linha média. Em 25/05/99 a T. C. Crânio revelou área hipodensa, sem efeito de massa, mal definida, localizada em território parietal esquerdo, adjacente à área da craniotomia.

³ A literatura neurológica e neuropsicológica refere como *anosognosia* esse estado em que o sujeito não (re)conhece a própria condição patológica. Do ponto de vista linguístico há desdobramentos dessa condição em relação à subjetividade da linguagem.



fica rodando em falso a reversibilidade de papéis (eu/tu) que desempenha no exercício da linguagem.

Como o processo de avaliação descobre essa dupla condição de sujeito de JF?

Na segunda sessão com JF, em 29/03/2000, as duas investigadoras (Imc e Ima) e ele falavam de uma visita de amigos em sua casa a fim de que retomasse suas relações afetivas. JF começou a contar a visita de um amigo no discurso direto, nas próprias falas do amigo, abrindo aspas para introduzi-lo. Eu intervim pedindo-lhe que contasse sem dizer o que o outro disse, mas dizendo o que ocorreu. Foi quando ele disse: *calma que ele fala!* Ele quem, me perguntei em voz alta? *Ele ... esse aqui*, levantando um pouco o braço parético. *Eu*, dissemos juntos. É interessante que esse dado tivesse ocorrido em meio à passagem do discurso direto para o indireto, lugar discursivo de encontro de múltiplas vozes que devem ser reconhecidas para serem referidas pela linguagem, no eixo da subjetividade⁴. Como JF poderia se referir ao amigo por meio de *ele* (Coudry & Morato, 1990) se refere a si mesmo assim?

Em 05/04/2000, depois de contar muito melhor uma fábula pela segunda vez, já conseguindo identificar as vozes da enunciação no enunciado que produziu, comentou a sua lentidão e de como se saiu nesse processo:

Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado
		RECORTE
JF	con- consigo ...	
JF	<i>you</i> sabe ...	
Imc	EU!	
Imc	eu quero que <i>you</i> fale EU	
Imc	[e não <i>you</i>].	
JF	<i>Eu</i>	
JF	<i>eu</i> si ... <i>eu</i> sinto chegar	
JF	aí <i>you</i> falando, <i>you</i> falando...	ritmo pausado
JF	aí foi aqui ...	
Imc	Isso!	
JF	<i>Ele</i> vai	
	[vai contando ...	ritmo pausado
Imc	EU vou contando	
JF	Então ..	
JF	esse aqui	mostrando o braço e o corpo
JF	é tudo, tudo	
JF	[não, não	
JF	[calma	ritmo pausado
JF	calma <i>cê</i> aqui	

⁴ É evidente a referência teórica dessa reflexão a Benveniste, 1966.



JF	deixa	
JF	deixa <i>eu</i> , deixa <i>eu</i> falar	
JF	aí <i>você</i> vai ...	
Imc	Deixa EU falar	
	deixa Eu falar!!!	
	Eh, JF!	
	deixa EU falar!	comemoram as investigadoras Imc e Ima.
		RECORTE
JF	cê senta <i>você</i> pra ver	
	porque <i>eu</i> tenho aqui ó ...	referindo-se ao estranhamento diante do que fala
	<i>tem algo</i> falando assim ...	
	algo devagar assim,	ritmo pausado
	assim <i>eu</i> vou	ritmo pausado
	[assim agora	ritmo pausado
	se <i>você</i> fala, <i>você</i> fala <i>você</i> fala ...	
	[<i>algo tá</i> falando assim ...	ritmo pausado
		RECORTE

Encerro este texto com uma citação que se ajusta ao estudo da subjetividade na afasia:

“(…) o discurso do sujeito se organiza por referência (direta, divergente) ou ausência de referência, à situação de enunciação (o “eu-aqui-agora” do locutor) que ele experimenta subjetivamente como tantas origens quantos são os eixos de referenciação (eixo das pessoas, dos tempos, das localizações). Toda atividade de linguagem necessita da estabilidade destes pontos de ancoragem para o sujeito; se esta estabilidade falha, há um abalo na própria estrutura do sujeito e na atividade de linguagem”. (Pêcheux, 1975: 174)

RESUMO: Neste artigo discutem-se as condições discursivas em que se exerce a avaliação no contexto patológico. Comenta-se um dado de afasia em que se mostra o trabalho lingüístico-cognitivo que o sujeito faz, ou deixa de fazer, para expressar a linguagem na afasia.

PALAVRAS-CHAVE: Neurolingüística; avaliação discursiva; afasia; subjetividade; discurso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



- BENVENISTE, Émile. *Problèmes de linguistique générale*, Paris: Gallimard, 1966.
- COUDRY, Maria Irma Hadler & POSSENTI, Sírio. Avaliar discursos patológicos, in *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 5, IEL: UNICAMP, 99-109, 1983.
- COUDRY, Maria Irma Hadler. *Diário de Narciso* : discurso e afasia. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- _____ & MORATO, Edwiges Maria. A ação reguladora da interlocução e de operações epilingüísticas sobre objetos lingüísticos, in *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, IEL/UNICAMP, 15, p. 117-135, 1990.
- FOLSTEIN, M., FOLSTEIN, S. & MCHUGH, P. Mini Mental State, in *Journal Psychiat.*, v. 12, p. 189-198, 1974.
- FOUCAULT, Michel. *L'ordre du discours*. Paris: Gallimard, 1971.
- FRANCHI, Carlos. Linguagem - Atividade Constitutiva, in *Almanaque*, 5, São Paulo: Brasiliense, 9-27, 1977.
- PÊCHEUX, Michel e FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas, in Françoise Gadet e Tony Hak (orgs.) *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Unicamp, 1975. p. 163-252.
- POSSENTI, Sírio. Língua: sistema de sistemas, in Benito Damasceno & Maria Irma Hadler Coudry (orgs.) *Temas de Neuropsicologia IV*. São Paulo: Tec Art, 1995. p. 20-25,.
- RIBEIRO, Ilza. *As faces do português culto brasileiro*. (no prelo).